

APRESENTAÇÃO

O segundo número da décima-quarta edição da revista *Scripta Uniandrade*, estruturado a partir do eixo temático “Shakespeare intermediário, intertextual e intercultural”, é uma publicação comemorativa que celebra os 400 anos do legado literário e cultural de Shakespeare. Esta edição reúne doze artigos que versam sobre o homem nascido em Stratford-upon-Avon, sua obra, o contexto histórico e cultural em que viveu e escreveu, e os diálogos que as suas peças estabelecem com diferentes tempos, lugares e imaginários.

No ensaio de abertura da seção temática, intitulado “Global Shakespeare as a Tautological Myth”, Alexa Huang argumenta que o fenômeno da globalização da obra de Shakespeare se deve a inúmeros fatores, entre eles à eficaz ação conjunta de educadores, estudiosos, administradores, financiadores, encenadores, artistas, espectadores e leitores ao longo dos séculos, que foi decisiva para que Shakespeare atingisse estatuto mítico. Ela também destaca a importância de sítios históricos como Stratford-upon-Avon e Elsinore (o castelo de Hamlet) e de espaços teatrais como o Globe de Londres (entre outros), nos quais a aura de Shakespeare é fabricada e consumida. Essa multiplicidade de elementos é responsável pelo espaço internacional que Shakespeare ocupa na contemporaneidade.

A seguir, um grupo de seis artigos trata da transposição de peças de Shakespeare para o cinema e da utilização de práticas intermediárias como a adaptação, a remediação e a hibridização nesse processo. Em “Duas leituras de *Hamlet*: uma pintura de Fuseli e o poema sinfônico n. 10 de Liszt”, Cecília Nazaré de Lima e Thaís

Flores Nogueira Diniz analisam as obras de arte mencionadas no título do ensaio, e chegam à conclusão que a autenticidade e unicidade de Shakespeare se manifesta na capacidade de transformação de suas peças em obras multimidiáticas. No artigo “Radical *Lear* Revisited: The Tragic Genre in Kurosowa’s *Ran* and Kozintsev’s *King Lear*”, de Filipe dos Santos Ávila e José Roberto O’Shea, os autores analisam os filmes dos cineastas constantes do título, à luz do potencial subversivo do gênero trágico como discutido por Jonathan Dollimore em seu influente estudo *Radical Tragedy*. O terceiro ensaio desse grupo, “‘Ocular Proof’ of Morbid Jealousy in Orson Welles’ Noir *Othello* (1952)”, de Alexander Martin Gross, considera a adaptação filmica de Welles como um *performance text* de mérito próprio. O autor examina a construção da linguagem visual que complementa a linguagem verbal do texto de Shakespeare, e observa que o filme é considerado como um exemplo de *rewriting*, termo de Alan Dessen que se aplica a produções cênicas ou filmicas em que o diretor se aproxima do papel de dramaturgo.

Elizabeth Ramos, em “Al Pacino e a pervivência de *Ricardo III*”, tece algumas reflexões sobre o filme *Ricardo III, um ensaio* (1996), com direção de Al Pacino, uma espécie de docudrama que versa sobre a (im)possibilidade de encenar Shakespeare nos Estados Unidos. A pesquisadora acredita que as transposições para outras artes e mídias garantem não somente a sobrevida dos textos de Shakespeare, mas sua pervivência, ou seja, a possibilidade de a anterioridade viver além e através de seu tempo. O ensaio de Renata Lucena Dalmaso, “Subvertendo a performance: Mercúcio como símbolo de não-normatividade em *Romeu e Julieta*”, enfoca o papel de Mercúcio sob o viés da homoafetividade em duas adaptações da peça de Shakespeare para o cinema: *Romeu e Julieta*, de Franco Zeffirelli (1968), e *William Shakespeare’s Romeo + Juliet*, de Baz Luhrmann (1996). E, Marcel Alvaro de Amorim faz uma leitura intertextual e antropológica do filme

brasileiro *O jogo da vida e da morte* (1971), de Mario Kuperman, uma *transconstrução* da peça shakespeariana *Hamlet* (1600-1601).

Por meio de uma abordagem intertextual, Rebeca Pinheiro Queluz analisa a série de quadrinhos intitulada *Into the (Shakespearean) Woods*, de Mya Gosling, produzida no final de 2014. A autora demonstra que o texto da quadrinista dialoga principalmente com a adaptação de 1991 do musical de Stephen Sondheim e James Lapine, *Into the Woods*, e com três peças shakespearianas, a saber *Como gostais*, *Sonho de uma noite de verão* e *Macbeth*.

O próximo grupo de artigos aborda as relações intermediáticas entre os textos de Shakespeare e a cena. Em “Uma tragédia divertida: *Rei Lear* para crianças”, Aline de Mello Sanfelici estuda uma adaptação cênica brasileira de *Rei Lear*, com o título *O bobo do rei*, pela Companhia Vagalum Tum Tum e direção de Angelo Brandini. A discussão gira em torno da questão da (im)possibilidade de ressignificar a complexidade temática da peça para comunicar-se com sucesso com o público infantil. E, em “The Permeability of Shakespeare’s Plays: *Tempests* in the Caribbean”, Concepción Mengibar sustenta que *A tempestade* é o texto shakespeariano mais importante para debater a relação colonial/póscolonial. A autora explora visões caribenhas da relação senhor-escravo em *The Pleasures of Exile* (1960) e *Water with Berries* (1971), de George Lamming, em paralelo com *Une Têmpete* (1969), de Aimé Césaire, mostrando como esses autores reinterpretem as relações políticas entre Próspero e Caliban a partir da perspectiva de um Caliban caribenho. No final do artigo, a transformação de Próspero em Cólón na peça cubana *Otra Tempestad (Outra tempestade)* de Raquel Carrió e Flora Lauten (1997) é descrita, e a ótica do conceito de ilha é problematizada.

O artigo de Carlos Roberto Ludwig “Interioridade, aparência e silêncio em *Macbeth*”, examina as questões apontadas no título do ensaio sob a luz da obra de Stephen Collins (1989) que ressalta o

controle social da ordem política à época, configurado como um mecanismo superegoico que definia o indivíduo e a interioridade. O autor faz uma análise textual de *Macbeth* a partir da noção de interioridade discutida por Maus (1995), demonstrando como os silêncios e os engodos das aparências surgem nas falas das personagens, nos não-ditos e silenciamentos da peça de Shakespeare. E Régis Augustus Bars Closel, em “Entre a forma, o conteúdo e os gêneros teatrais: a tessitura do drama histórico Tudor”, explora a estrutura do drama histórico escrito às vésperas e ao longo do período jacobino que recupera enredos que ocorrem na época dos Tudors. O autor busca descrever a estética dramática da Reforma Inglesa quanto às suas características próprias e às divergências em relação a peças do mesmo gênero.

Na seção Varia figuram dois artigos sobre a literatura brasileira. O primeiro, intitulado “Um dia eu deixar de gostar de você, tu me mata”, uma análise das personagens prostitutas das obras *Dão-Lalalão* e *A estória de Lelio e Lina*, de João Guimarães Rosa”, de Gabriela Szabo, objetiva verificar a imagem da prostituição construída nas obras constantes do título do ensaio. A pesquisadora apresenta os significados que emergem a partir de fatos banais contados pelos narradores, visto que, sob uma camada de cordialidade, há uma crueldade gerada pelo preconceito de gênero e de cor. O segundo artigo desta seção, intitulado “A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades”, analisa a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, buscando demonstrar o poder da palavra de uma mulher pobre, negra, favelada e catadora de lixo, residente na favela do Canindé. A autora argumenta que a escrita de Carolina Maria de Jesus pode ser considerada um divisor de águas na prosa literária brasileira, pois antes dela não há registro de uma inscrição autoral negra e feminina articulando na palavra cotidiana a experiência do urbano.

A terceira seção apresenta duas resenhas. A primeira, de Sigrid Renaux, versa sobre o livro *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo* (2014), escrito por Carlos Daghlian, um dos professores mais ilustres e admirados no meio acadêmico e fora dele, homenageado (*in memoriam*) na presente edição da revista. E a segunda, de Maurício Silva, revisita o livro *Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)* (2014), de autoria de André de Jesus Neves.

Vale ressaltar, ainda, que se o legado de Shakespeare permanece vivo e continua atual e popular em âmbito global, isso se deve a inúmeros fatores apontados em diversos artigos na seção temática sobre o dramaturgo, mas, principalmente, aos notáveis produtos artísticos e midiáticos desenvolvidos por encenadores, cineastas, atores e criadores dos mais diversos campos de conhecimento. São eles que sedimentaram o vasto tecido semiótico-cultural em torno da obra de Shakespeare no decorrer dos séculos, divulgando, ampliando e enriquecendo seu legado, como destacou com propriedade Alexa Huang no artigo de abertura desta revista.

Anna Stegh Camati
Brunilda Reichmann
Sigrid Renaux